

A cobertura do Massacre da Farinha: Uma análise do G1 e suas influências sobre o imaginário social brasileiro acerca do genocídio palestino¹

Arthur Honorato de ALMEIDA²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo observar de que forma o conflito Israel *versus* Palestina ganha forma na mídia brasileira e constroi o imaginário social acerca do tema. A partir dessa perspectiva, o trabalho visa analisar o veículo de circulação nacional, *Portal G1*, o qual representa a mídia tradicional. Como *corpus* de análise foi coletada a matéria do dia 29 de fevereiro de 2024, a respeito das mortes ocorridas durante entrega de ajuda humanitária na Faixa de Gaza. O material foi analisado sob a perspectiva da Análise de Conteúdo e Análise de Enquadramento. O veículo investigado apresenta abordagens pró-Israel, contribuindo na criação de uma imagem polarizada a respeito da Palestina.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; orientalismo; narrativas; G1; Israel versus Palestina.

INTRODUÇÃO

O estado de Israel foi criado em 1948, por uma proposta da ONU. No entanto, a disputa geopolítica pela região atravessa os tempos e perpassa questões religiosas, culturais e políticas (CASTRO, 2007; SAID, 2007). Tendo o jornalismo como parte do referencial de mundo das pessoas (BOURDIEU, 1989; RODRIGUES, 2002), a forma com que o conflito é exposto na mídia nacional tende a perpetuar a forma como a população compreende a guerra e os lados nela envolvidos, uma vez que, com a ascensão dos meios de comunicação e sua popularização, a mídia assumiu papel crucial nos processos de socialização e também na construção da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Mostra-se relevante essa pesquisa pelo fato da necessidade de se observar como a narrativa chega ao Brasil e quais as mensagens transmitidas aos espectadores, os quais participam da construção da realidade acerca dessa guerra. Também, de que forma, isso reflete no modo dos brasileiros compreenderem o conflito. Este trabalho procura ressaltar a importância dos veículos de comunicação na construção de narrativas envolvendo eventos que impactam a sociedade a nível global, principalmente quando há questões políticas inseridas no contexto.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação antirracista, pensamento afrodiaspórico e interseccionalidades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, email: arthur.honorato@estudante.ufjf.br

A escolha do *GI* se dá devido ao seu alinhamento com o discurso advindo de mídias estadunidenses/europeias sobre questões envolvendo o Oriente Médio, tendo uma editoria intitulada “Mundo” para tratar de assuntos como este, e também por sua relevância em alcance e abrangência. A escolha se baseia também pelo fato do *Portal GI* pertencer ao maior conglomerado de mídia da América Latina, o Grupo Globo, tendo o seu posicionamento discursivo muito relevante para a construção do imaginário social do povo brasileiro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho terá como suporte teórico para uma análise de conteúdo a teoria conhecida como Orientalismo, elaborada por Edward W. Said (1935-2003), intelectual palestino-estadunidense. O livro “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” traz um novo olhar sobre os estudos dos povos orientais, em especial árabes e muçulmanos. Além disso, serão utilizadas as percepções de Berger e Luckmann (2007) sobre a construção social da realidade social e suas implicações no desenvolvimento da identidade dos indivíduos inseridos nela. No campo da comunicação, o trabalho se respaldará em John B. Thompson com *Mídia e Modernidade* (2008), Stuart Hall (apud Costa, 2012), os conceitos de jornalismo como referencial de mundo desenvolvidos por Adriano Duarte Rodrigues (2001), entre outros, que abordam as ideias de mídia, poder e construção de narrativas, aqui presentes.

Com a ascensão dos meios de comunicação e sua popularização, a mídia assumiu papel crucial nos processos de socialização e também na construção da realidade, do conhecimento e da subjetividade do indivíduo (BERGER; LUCKMANN, 2007). Demandados pelas demais instituições e campos de saberes para dar visibilidade e legitimidade a atores sociais e as próprias instituições, os meios de comunicação modelam o funcionamento social, ao mesmo tempo em que funcionam como ferramenta da agregação da sociedade e participam da reorganização do contexto formado pelos interesses particulares das instituições (RODRIGUES, 2002).

No âmbito da comunicação, inserindo no contexto do conflito entre Israel e Palestina, por exemplo, os *media* funcionam como propulsores dos pensamentos e ideologias daqueles que os financiam. Nesse sentido, surge como uma forma de construir a geografia imaginativa do Oriente Médio através do orientalismo presente no

ocidente, no cenário abordado. Ademais, *blockbusters*³ jornalísticos alcançam um número maior de pessoas, como é o caso dos veículos de comunicação estadunidenses e europeus, e participam de forma ímpar na construção do imaginário social do mundo todo.

Seguindo esse raciocínio, pode-se dizer que os *blockbusters* jornalísticos exercem um poder invisível sobre as mídias do resto do globo. Bourdieu (1989) discorre sobre o processo de formação social de instituições, campos de saberes e do próprio sujeito, os quais ocorrem por meio da utilização e transmissão de símbolos, que precisam ser reconhecidos pela sociedade ou por determinado grupo pertencente a ela. Portanto, a construção social é o resultado de uma constante disputa entre os membros dessa sociedade, ou grupo a ela pertencente, entre a objetividade das estruturas e a subjetividade de cada biografia individual.

O poder simbólico é uma configuração de poder invisível de construção da realidade e só é exercido através daqueles que compõem determinado grupo na sociedade. Esse poder faz parte da construção do imaginário social e da cultura, naturalizando ideologias e símbolos. E, obviamente, a realidade é construída e divulgada através desses símbolos (BOURDIEU, 1989). O poder simbólico, no contexto de Israel e Palestina veiculado no Brasil, teve origem nos meios de comunicação europeus e estadunidenses que, de forma “indireta”, moldou o conformismo lógico da mídia brasileira em relação ao conflito. Os palestinos, no imaginário brasileiro, se tornaram os provocadores, que apenas fazem com que os militares de Israel “respondam” às suas agressões.

Rodrigues (2002) explica que os órgãos dos sentidos atuam como aparelhos que proporcionam sensações, ou seja, os processos sensoriais que tornam as pessoas, de alguma maneira, presentes no mundo. São os órgãos do sentido que preparam o mundo de acordo com a forma como estão constituídos, colocando o mundo à disposição dos indivíduos. Sendo assim, o ser humano tem a capacidade de se apropriar do mundo, de o moldar de acordo com as suas vontades e preferências e inclusivamente de o reconstituir artificialmente (RODRIGUES, 2002).

³ A origem do termo vem de uma expressão originária do meio militar inglês. *Block-* (“bloco”, no sentido de bloco de bairro) + *buster* (“destruidor”), destruidor de bairros. O termo também é muito usado na indústria cinematográfica para filmes de sucesso no mundo todo. Aqui fiz um trocadilho para me referir a canais e empresas jornalísticas que têm influência no mundo todo.

Ao longo dos anos, o conceito de enquadramento tem sido muito utilizado em estudos de comunicação, com uma abordagem direcionada ao conteúdo, mais precisamente no campo do jornalismo (MENDES, 2019). O enquadramento ajuda a organizar a realidade social. A análise baseada no *frame* permite compreender o motivo pelo qual o jornalista, ao exercer sua tarefa de cobrir um episódio, observa algumas coisas e ignora outras.

Said (2007) define o orientalismo como um conjunto de saberes literários, eruditos e científicos sobre o Oriente, não somente visto como um espaço geográfico, mas como uma “geografia imaginativa”, criada e disseminada pelo Ocidente, principalmente por franceses, ingleses e estadunidenses. O orientalismo é caracterizado por Said (2007), portanto, como uma visão que representa o oriental como um indivíduo exótico, inferior, misterioso, aquele que precisa ser dominado. Esse conceito pode ser usado em três contextos diferentes, mas que se complementam: os escritos sobre o Oriente, o estilo de pensamento baseado numa distinção entre o Ocidente e o Oriente, e as instituições “autorizadas” a lidar com o Oriente. Ao longo dos anos, o orientalismo ficou responsável por representar o Oriente, a fim de definir seus contornos, características e vocações. Tudo isto foi feito à margem dos interesses dos orientais. Quanto ao conflito entre Israel e Palestina, a inferioridade moral dos palestinos tem sido reforçada constantemente pela imprensa a cada episódio dramático do conflito.

METODOLOGIA E ANÁLISE

Este trabalho tem como corpus de análise da matéria do portal *GI*, do dia 29 de fevereiro de 2024, a respeito das mortes ocorridas durante entrega de comida através de ajuda humanitária na Faixa de Gaza. O trabalho avalia quais os assuntos, enfoques e narrativas usadas para tratar palestinos e israelenses, envolvidos no evento. As categorias a serem apresentadas para análise de conteúdo (BARDIN, 2011), as quais decompõe a construção das matérias são: fontes acionadas, imagens e vídeos e termos. Quanto ao enquadramento, serão observados os seguintes pacotes interpretativos (VIMEIRO; MAIA, 2011): Construção da imagem dos palestinos, construção da imagem dos israelenses, Orientalismo nas narrativas jornalísticas.

Busca-se analisar os conteúdos apresentados nas matérias, destrinchando as fontes acionadas, imagens, vídeos, termos, explorando ainda informações complementares na construção da matéria, tendo a análise de enquadramento

(VIMIEIRO; MAIA, 2011). Articula-se os contextos sociais, políticos e históricos com as informações coletadas no intuito de construir sentidos.

Para este trabalho foi acionada a metodologia de análise híbrida com Análise de Conteúdo e Análise Comparativa, a partir de uma Análise de Enquadramento. A Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) se divide, basicamente, em 3 etapas: pré-análise, com a separação do banco de dados; categorização, a partir das semelhanças presentes; e inferências, momento em que pode-se observar as mensagens nas entrelinhas e suas intenções. Já a Análise de Enquadramento uma abordagem apropriada para o estudo de matérias jornalísticas, visto que trata-se de uma abordagem que evidencia o caráter construído da mensagem, revelando a sua retórica implícita, escondida em textos supostamente objetivos, imparciais e com função meramente referencial (SOARES, 2006). Partindo do pressuposto de que qualquer narrativa é uma síntese imperfeita de um acontecimento, uma construção enquadrada de um ideário que encarna discursos e pontos de vista específicos, neste trabalho nos interessa a forma mais recente de execução do conceito, que foca na análise do conteúdo veiculado nas mídias, concentrando-se nos modos como as narrativas usadas por cada jornal enquadram a realidade do conflito entre Israel e Palestina.

PRINCIPAIS RESULTADOS E CONCLUSÃO

No *Portal G1*, a Palestina é caracterizada de maneira desorganizada, não há distinção entre civis palestinos e palestinos pertencentes ao Hamas. Uma pessoa leiga lendo as matérias ficaria confusa. A matéria também faz uma associação indireta entre terroristas > Hamas > palestinos, alimentando o preconceito orientalista presente no imaginário social dos brasileiros. Em contrapartida, o *Portal G1* utiliza uma abordagem mais neutra na hora de retratar as ações dos israelenses, expressões como “morreram” são usadas no lugar de “foram mortos/assassinados” assim como falas de retratações das fontes israelenses. O exército de Israel é uma instituição que se previne de possíveis ataques vindos dos palestinos, sempre em alerta, monitorando todos os possíveis “terroristas” considerados por eles. O poder simbólico (BOURDIEU, 1989), aqui, aparece para difundir o medo e ressignificar as ações de uma luta mais ampla e até mesmo reforçar a associação entre “terror” e “Palestina”.

O orientalismo é caracterizado por Said (2007) como uma visão que representa o oriental como um indivíduo exótico, inferior, misterioso, aquele que precisa ser dominado. É notório que as matérias do *Portal G1* revelaram, mesmo que de forma indireta e nas entrelinhas, o orientalismo presente nas narrativas jornalísticas, e isso, de certa forma, contribui na criação de uma imagem pejorativa a respeito da Palestina. O leitor passa a se ver o palestino, de forma involuntária, como “o outro”, em uma visão, com clara conotação racista e xenofóbica, de que este povo seria antidemocrático, principalmente quando se trabalha de forma desorganizada, em matérias como esta, em que mencionam os mais de trinta mil palestinos mortos por Israel em menos de cinco meses, porém sequer utilizam o termo “genocídio”.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade** - Tratado de Sociologia do Conhecimento. 27. ed. Petrópolis, Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S.A., 1989.
- CASTRO, Isabelle Christine Somma de. **Orientalismo na imprensa brasileira. A representação de árabes e muçumanos nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, São Paulo, 2007.
- MENDES, André Melo; FERREIRA, Juliana. A formação da identidade de judeus e palestinos nos meios de comunicação: como se deu cobertura da Invasão da Faixa de Gaza em 2014 pelas principais revistas brasileiras. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 13, n. 25, p. 2-19, 2019.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. DELIMITAÇÃO, NATUREZA E FUNÇÕES DO DISCURSO MUDIÁTICO. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O JORNAL: Da forma ao sentido**. Editora UNB, 2002. p. 217-233.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: vozes, 1998.
- VIMIEIRO, Ana Carolina; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais. **Revista FAMECOS**, v. 18, n. 1, p. 235-252, 2011.